

Da percepção à performance: harmonização da música *Minha* Canção em aulas de piano para crianças

Comunicação

Luciano Carneiro
UFMG
luciannodebarros@hotmail.com

Betânia Parizzi
UFMG
betaniaparizzi@hotmail.com

Resumo: Esse trabalho, recorte de uma pesquisa de doutorado em andamento, tem como objetivo descrever e analisar uma atividade prática voltada para o desenvolvimento da percepção harmônica em crianças de 7 e 8 anos, em aulas de piano, apontando as vertentes pedagógicas e metodológicas empregadas nesse transcurso. A atividade apresentada aqui foi realizada durante o projeto piloto da pesquisa, implementado no primeiro semestre de 2024. O referencial teórico levantado até o momento e utilizado para fundamentar este texto aponta a harmonia como um dos conceitos mais complexos para essa faixa etária (Costa-Giomi, 1994) e que há escassez de pesquisas focadas no ensino de harmonia para crianças (Mandanici, 2019). Por essa via, acreditamos na hipótese de que o treinamento musical estruturado pode melhorar significativamente o desenvolvimento dessas habilidades (Corrigall, Trainor, 2009). Buscamos estabelecer diálogos entre as noções conceituais de percepção, performance e cognição musical por um viés integrativo entre mente-corpo-ambiente, aspectos que balizaram o desenrolar da tarefa compartilhada. Os resultados indicam que a abordagem de funções harmônicas básicas (tônica e dominante) e a utilização de habilidades motoras simples – associadas à escuta musical ativa, fundamentadas em um processo pautado pela experiência musical concreta – contribuíram para o bom desempenho e pelo interesse das crianças pela atividade. Espera-se que os resultados finais dessa pesquisa de doutorado apontem caminhos para futuras práticas pedagógicas e incentivem novos estudos sobre o desenvolvimento de habilidades de percepção e práticas harmônicas no ensino de piano para crianças.

Palavras-chave: Ensino de harmonia para crianças; Ensino de piano para crianças; Percepção harmônica; Iniciação Musical.

Introdução

Esse artigo é um recorte de uma pesquisa de doutorado em andamento conduzida no Programa de Pós-graduação em Música da UFMG, cujo objetivo é analisar o desenvolvimento de habilidades de percepção harmônica e sua aplicação prática em aulas de

piano para crianças. Nesse texto, apresentamos uma atividade prática realizada com crianças de 7 e 8 anos, em aulas de piano, voltada para o desenvolvimento da percepção e prática harmônica desses alunos. O objetivo desse artigo foi descrever e analisar essa atividade, a partir do referencial teórico levantado até o momento, apontando as vertentes pedagógicas e metodológicas empregadas nesse transcurso.

Essa atividade foi implementada ao longo do projeto piloto, fase da investigação que visou testar atividades com vistas a desenvolver a percepção harmônica de crianças entre 7 e 8 anos, em aulas de piano, na intenção de verificar sua aplicabilidade na fase de coleta de dados da pesquisa. O piloto foi conduzido entre fevereiro e junho de 2024, durante as aulas de piano semanais da segunda série da iniciação musical do Conservatório Estadual de Música Pe. Jose Maria Xavier em São João del Rei (MG). Participaram do estudo 16 crianças, regularmente matriculadas na instituição, mediante seu consentimento e autorização dos pais e/ou responsáveis (TCLE e TALE). Os alunos(as) foram divididos em 4 turmas, constituídas de 2 a 4 crianças cada uma.

O referencial teórico levantado revelou escassez de pesquisas focadas no ensino de harmonia para crianças (Mandanici, 2019) e a complexidade deste conceito para essa faixa etária (Costa-Giomi, 1994). No entanto, isso não significa que o desenvolvimento da percepção harmônica e sua prática ao piano não possam ser construídos nas aulas do instrumento para esse público, desde que se respeitem seus estágios de desenvolvimento cognitivo e motor, o que justifica a pertinência dessa investigação. Por esse prisma, acreditamos que a instrução musical pode desenvolver e potencializar essas habilidades (Martinez, 2014; Corrigan; Trainor, 2009; Costa-Giomi, 1994) no transcurso das aulas do instrumento, por meio de estratégias pedagógico-metodológicas alinhadas aos objetivos propostos e ao público alvo – crianças pequenas.

A percepção musical em perspectiva

A percepção é um dos fenômenos psicológicos mais complexos, exigindo uma análise detalhada de aspectos fisiológicos, da influência cultural, e das experiências e aprendizados individuais. Define-se como o processo através do qual o cérebro interpreta e organiza as sensações, conferindo-lhes significado. Esse processo não apenas permite ao indivíduo a detecção de um estímulo, mas também a compreensão e resposta adequada ao ambiente. Este aspecto é fundamental na educação dado que as interações entre professores e alunos, bem

como a construção do conhecimento, são profundamente afetadas pela percepção (Reis, 2004, p. 50).

Ao ouvirmos os estímulos sonoros ao nosso redor, somos tomados por sensações oriundas do processo inicial de captação desses estímulos através dos órgãos sensoriais. A sensação é a resposta bruta e direta aos estímulos do ambiente sem ainda passar por qualquer tipo de processamento ou interpretação (Reis, 2004, p. 50). Esse acoplamento sensorial permite que identifiquemos e nomeemos o objeto não apenas literalmente, mas também conceitualmente, integrando-o ao nosso entendimento, conectando as sensações percebidas a um significado coerente. O ato de nomear proporciona uma sensação agradável de estabilidade e apropriação da realidade percebida, vinculando-a ao nosso entendimento pessoal e conceitual (Fonseca, 2009, p. 140).

Na atmosfera dos estímulos sonoros, somos expostos a diferentes sonoridades que circundam o nosso entorno e nos afetam, deste modo, reagimos a esses sons de alguma maneira com nosso corpo e nossa psiquê. Na perspectiva da cognição corporificada, o som passa a ser balizado pela experiência de escutar, deflagrando que a relação entre o corpo e as sonoridades do mundo é mediada pela percepção (Nhur, 2020, p. 12). Pelo mesmo viés, a escuta musical ativa (Green, 2002; Schafer, 1991) é fulcral à educação musical, isso porque, ela é a matéria prima da percepção musical e responsável por interpretar os estímulos sonoros transformando as sensações que dessa experiência emergem em percepções.

Sob essa ótica, é possível depreender que “a percepção musical é a base de todas as atividades musicais, como tocar instrumentos, cujo desenvolvimento é determinado por certos aspectos universais da estrutura musical, bem como pelo ambiente” (Janurik; Szabó; Józsa, 2019, p. 4819). Ela se relaciona com o desenvolvimento de esquemas cognitivos que organizam os estímulos sonoro-musicais em padrões rítmicos, melódicos, harmônicos (Krumhansl, 2006, p. 46) e que poderão ser acessados mediante a demanda de novas percepções e aprendizados.

A percepção harmônica em crianças pequenas

Pesquisas indicam que a percepção harmônica é detectável desde os primeiros anos de vida, com bebês de menos de um ano diferenciando entre acordes consonantes e dissonantes e preferindo harmonias mais simples (Ilari, 2002; Schellenberg *et al.*, 2005; Trainor; Heinmiller, 1998). Crianças de três anos já demonstram algum conhecimento harmônico sem

aulas formais, mas o treinamento musical pode melhorar significativamente esse entendimento (Corrigall; Trainor, 2009). A percepção harmônica começa a se desenvolver entre 4 e 5 anos, com habilidades em detectar mudanças de acordes em progressões simples em músicas conhecidas (Costa-Giomi, 1994). Por volta dos 6 ou 7 anos, as crianças desenvolvem competências fundamentais para a percepção auditiva, com um aprimoramento notável dessas habilidades, por volta dos 9 anos, devido ao amadurecimento e influência cultural (Costa-Giomi, 2001; 1994; Hargreaves, 1986).

As capacidades de percepção harmônica nas crianças se desenvolvem inicialmente pelo processo de enculturação, que envolve competências primitivas inatas, experiências culturais e um sistema cognitivo em rápido desenvolvimento (Sloboda, 2008). A enculturação musical refere-se à aquisição de habilidades musicais pela imersão nas práticas do contexto social (Green, 2002) da criança. Logo, a exposição a diferentes manifestações musicais contribui para o desenvolvimento precoce da percepção harmônica, que pode ser aprimorada com formação musical.

A seguir, apresentamos as dimensões pedagógicas e metodológicas implicadas no processo de desenvolvimento da percepção e performance harmônica nas aulas de piano com crianças. A atividade descrita, relata uma experiência docente que teve como objetivo desenvolver essas habilidades através da harmonização de uma canção da Música Popular Brasileira. As estratégias demonstradas têm como intuito apontar algumas possibilidades para as experiências musicais harmônicas com os pequenos pianistas.

Dimensões pedagógicas na iniciação pianística de crianças pequenas

A educação musical de crianças pode ser guiada por um viés lúdico, prazeroso, estimulante, motivador, criativo e democrático, para que assim elas se engajem no processo e participem ativamente de todas as atividades aplicadas, viabilizando seu desenvolvimento cognitivo e interação social, aspectos fundamentais ao desenvolvimento humano (Henriques, 2024; Oliveira; Fernandes; Faria, 2013; Fonterrada, 2008). A criança, como ser “brincante” que é, demonstra seu entendimento e habilidade de se expressar através da música ao interagir com o ambiente em contínua exploração. Esse processo implica uma abordagem ativa em que ela, receptiva e curiosa, explora distintos materiais sonoros, familiariza-se com instrumentos musicais, cria e reproduz motivos melódicos e rítmicos, e demonstra apreço significativo pela diversidade cultural musical (Brito, 2003, p. 35). À vista disso, algumas dimensões pedagógicas

se mostraram essenciais para o bom desenvolvimento das aulas de piano com as crianças, e consequentemente para a evolução de suas habilidades de percepção e performance harmônicas ao instrumento.

A primeira delas é a experiência musical concreta que propicia ao aluno um envolvimento direto com música, proporcionando a construção do conhecimento musical pela ação do próprio indivíduo (Swanwick, 1979, p. 42-43). Assim, as aulas de música, bem como as de piano, devem contemplar atividades como improvisação, composição, audição ativa, performance musical, exploração de sons e movimentos corporais e expressividade musical. Essas práticas são essenciais na formação em música, abrem espaço para a criatividade além de incentivar as crianças a explorarem novas descobertas (Schafer, 1991; Delalande, 2019).

A segunda é o aprendizado musical balizado pela ideia do jogo, um atributo humano vital que está inerentemente análogo a toda prática artística (Swanwick, 1988, p. 55) e que faz parte do universo lúdico das crianças. A atividade musical lúdica não apenas serve como meio para atrair o interesse das crianças, mas é também um fim em si mesma. Tradicionalmente vista como uma estratégia para engajar os pequenos, neste contexto ela transcende essa função, tornando-se a própria essência da música. O método de despertar o interesse das crianças através da prática musical é inseparável do objetivo de envolvê-las na execução e integrá-las na experiência musical (Delalande, 2019, p. 32-33).

Todos os processos de aprendizagem foram sustentados pelo ensino por imitação, um recurso fundamental para qualquer processo de aprendizagem, inclusive musical (Parizzi, Brook, 2022, p. 22). Por esse olhar, a imitação não deve se ater a uma mera cópia, ou recurso para o rápido aprendizado do repertório. Deve envolver empatia, identificação, nossa capacidade de nos vermos através de outras pessoas ou coisas e que, portanto, aumenta nosso repertório de ações e pensamentos (Swanwick, 1988, p. 45). Todavia, as crianças imitam apenas aquilo que conseguem, considerando suas capacidades naquele momento. Com a mediação de um adulto, nesse caso, a instrução do professor, ela conseguirá aprender, se desenvolver, combinar e recombinar suas experiências em novos processos criativos (Parizzi, Brook, 2022, p. 23).

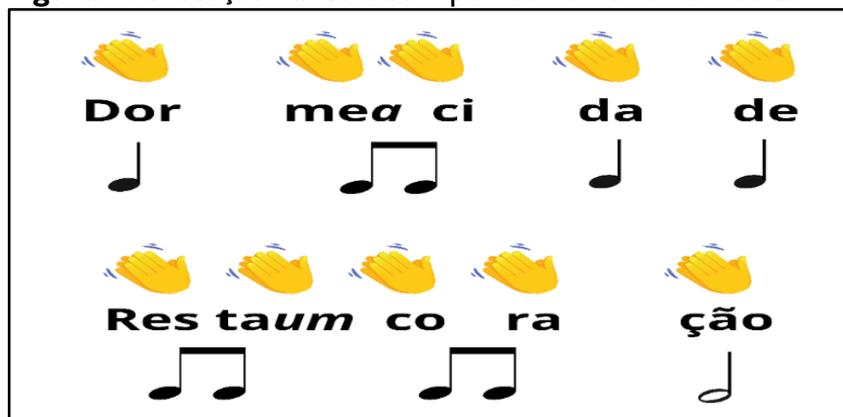
Dimensões metodológicas: harmonizando a música *Minha Canção*

Os aspectos metodológicos adotados nas aulas de piano com as crianças participantes do piloto serão apresentados a seguir, pela descrição de todo o processo percorrido no aprendizado da música *Minha Canção*, obra de Chico Buarque, Sérgio Bardoni e Luiz Enriquez, gravada pelo grupo Os Saltimbancos. A atividade apontou caminhos que serão sistematizados ao longo da pesquisa, e que tem potencial promissor para o desenvolvimento da percepção e performance harmônica das crianças em aulas de piano.

No primeiro estágio as crianças foram convidadas a um exercício de apreciação da música *Minha Canção*, por meio de um vídeo disponível no *youtube*¹. Através dessa “primeira audição” as crianças puderam conhecer a obra e estabelecer suas primeiras impressões sobre ela. Isso porque a primeira forma de vivência musical que pode ser disponibilizada às crianças é a escuta, desde o útero materno (Parlato-Oliveira, 2019). Esse procedimento de audição/apreciação foi repetido algumas vezes atravessado por diálogos com as crianças sobre o que acharam da música, o que observaram nela e se já a conheciam. Nesse caminho, rapidamente os(as) alunos(as) começaram a cantarolar a melodia, tentando aprender a letra.

No estágio seguinte, as crianças foram orientadas a aprender a cantar a canção. Cada frase da letra foi pronunciada pelo professor no ritmo da melodia. Na sequência, as crianças foram instruídas a imitar o que o professor fez. No passo seguinte, foram explorados recursos corporais, como bater palmas no ritmo da letra, frase por frase, ao longo de toda a peça (figura 1).

Figura 1: execução da letra com palmas no ritmo da música

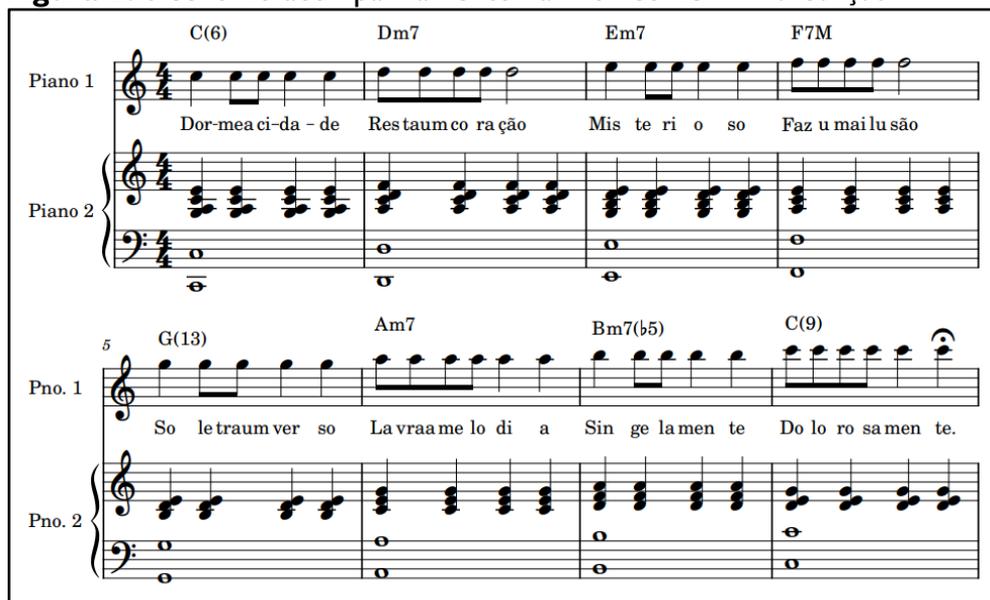


Fonte: elaboração própria

¹ Minha Canção: os Saltimbancos. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=WV_IFbr6-4w

Na continuidade da atividade, um desafio musical foi proposto às crianças. Elas ouviram apenas o acompanhamento harmônico de *Minha Canção*, em estruturação similar à harmonização presente no vídeo utilizado no início do processo, como ilustra a figura abaixo (figura 2).

Figura 2: trecho do acompanhamento harmônico de *Minha Canção*



Fonte: elaboração própria

Após a audição, elas foram questionadas se conheciam essa música. A princípio duvidosas, algumas pediram para que o professor tocasse novamente e assim foi feito. Questionados outra vez, a maioria dos alunos disse que era o acompanhamento da música que aprenderam. Cabe ressaltar que, na altura da realização dessa atividade, as crianças já dispunham de noções conceituais sobre o que é um acompanhamento, bem como a harmonia, devido à realização de atividades anteriores que viabilizaram o desenvolvimento desses conceitos, a partir de suas percepções. Outra pergunta foi direcionada sobre o que as levaram a perceber que o que ouviram era o acompanhamento da música. A maioria dos(as) alunos(as) afirmou que foi devido ao ritmo, igual ao da música do vídeo.

No passo subsequente, uma a uma, cada criança foi para o piano aprender a tocar. Elas foram orientadas a cantarem a letra da música e tocar as notas no ritmo do seu canto, utilizando os dedos indicadores em “pontas”. Na intenção de estimular o desenvolvimento motor de ambas as mãos de maneira proporcional, outra instrução foi direcionada a elas: o

movimento ascendente poderia ser tocado pela mão esquerda e o movimento descendente pela mão direita. Depois dessa prática, as crianças puderam escolher com qual mão preferiam tocar cada movimento.

Um vídeo,² produzido pelo professor, foi utilizado como recurso para a performance da melodia pelas crianças. Nele, elementos visuais como o teclado do piano, o dedo indicador acionando cada tecla ao longo da canção, bem como a letra da música marcada por elementos gráficos de duração (curto/longo) favoreceram o processo, além de o tornarem ainda mais lúdico e motivador. Nesse vídeo, a melodia foi tocada juntamente com um acompanhamento completo formado por vários instrumentos musicais. O desafio proposto dessa vez, foi tocar *Minha Canção* ao piano junto com o vídeo.

Mediante tais estratégias, rapidamente as crianças conseguiram tocar a melodia da música. Após a performance individual de cada aluno(a), as crianças foram divididas em grupos menores (duplas e/ou trios) para tocarem juntas. Isso foi possível porque a sala de aula dispõe de dois pianos - um acústico e um digital - alocados um ao lado do outro (figura 3).

Figura 3: disposição dos 2 pianos na sala de aula



Fonte: elaboração própria

Essa tarefa propiciou o aprimoramento das habilidades de percepção auditiva, a regulação da pulsação interna, a prática musical em grupo, a escuta ativa de si mesmo e do outro para caminharem ao mesmo tempo na performance musical compartilhada.

O mesmo procedimento performático descrito acima foi repetido, porém com a adição do acompanhamento harmônico realizado pelo professor. Indagadas sobre o que

² Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VbUT-gegI3g>

combinava melhor, tocarem sozinhas ou junto com o docente, elas afirmaram que tocarem juntos combinava melhor **“porque a música ficou mais bonita!”** ou **“porque a música ganhou vida!”**³

No próximo encadeamento iniciamos a aprendizagem dos elementos harmônicos, considerando que as crianças já estavam com a música bem assimilada. Esse processo foi iniciado pela introdução de intervalos de terças sobrepostas a partir de cada nota da escala preenchendo cada compasso (4 tempos). Para tal, as crianças foram instruídas a usar os dedos indicadores de ambas as mãos. Após alguns minutos de treinamento, foi possível tocar as harmonias e cantar a melodia. Em seguida, o(a)s participantes foram novamente dividido(a)s em dois grupos, cada um em um piano: grupo 1) melodia; grupo 2) harmonia; (figura 4).

Figura 4: trecho do arranjo tocado pelas crianças

Grupo 1

C(6) Dm7 Em7 F7M G(13)

Dor-me a ci-da-de Restaum cora ção Mis te ri o so Faz u mai lusã o So le tra um ver so

Grupo 2

Am7 Bm7(b5) C(9) C(6) Bm7(b5)

La v ra a me lo di a Sin ge la men te Do lo ro sa men te. Do ce é a mú si ca Si len ci o sa

Fonte: elaboração própria

Assim como ocorreu no aprendizado da melodia, todas as crianças aprenderam essa harmonização para que o revezamento de funções fosse realizado, no intuito de que todo(a)s pudessem experimentar e aprender ambos os aspectos. Ao final dessa aula, o professor adicionou o acompanhamento harmônico⁴ à performance das crianças e, juntos, compartilharam uma prática musical que se mostrou muito prazerosa e divertida.

³ Respostas de algumas crianças ao questionamento mencionado.

⁴ Conforme apresentado na figura 2 desse texto.

Novamente as crianças foram indagadas sobre o que combinava melhor: tocarem sozinhas ou com o professor, respondendo sem hesitação que preferiram tocar com ele – o professor.

Na continuidade, foi adicionada uma nova linha harmônica constituída por terças sobrepostas, porém a partir da nota Mi (2), tocada por ambas as mãos com os dedos indicadores em “pontas” e duração de 4 tempos. Por fim, foram acrescentados os baixos dos acordes na região grave do piano preenchendo cada compasso. Depois de algumas experimentações, foi possível performar a música *Minha Canção* completa, conforme o arranjo delineado abaixo (figura 5).

Figura 5: trecho do arranjo final realizado com as crianças



The musical score is divided into two systems. The first system contains four piano parts (Piano 1 to 4) and lyrics: "Dor-me a ci-da - de / Res taum co ra ção / Mis te ri o so / Faz u mai lu são". The second system contains four piano parts (Pno. 1 to 4) and lyrics: "So le traum ver so / La vraa me lo di a / Sin ge la men te / Do lo ro sa men te.". Chord symbols are placed above the piano parts: C7M, Dm7, Em7, F7M in the first system; G7(13), Am7, Bm7(b5), C7M in the second system.

Fonte: elaboração própria

Alguns alunos demonstraram curiosidade em tentar tocar a melodia e harmonia com as duas mãos, sendo prontamente encorajadas pelo docente a tentar. O resultado foi interessante pois, pelo menos quatro crianças conseguiram alcançar esse nível performático, embora tenham lançado mão de recursos técnico-pianísticos não usuais para a pedagogia tradicional do piano, como por exemplo, tocar as terças sobrepostas utilizando os dedos 2 e

3 da mão esquerda (figura 6) e não 3 e 5 ou 2 e 4, associadas à melodia tocada pela mão direita, resultando em performances fluentes e expressivas.

Figura 6: posição dos dedos 2 e 3 escolhida por algumas crianças



Fonte: elaboração própria

Figura 7: disposição das crianças ao piano para execução da música



Fonte: elaboração própria

Repetimos a dinâmica tocando juntos, professor e as crianças, cada uma realizando uma função, conforme delineado no arranjo apresentado na figura 5. Após serem questionadas mais uma vez sobre o que combinava melhor as respostas foram diferentes. Boa parte das crianças afirmou que desse jeito (melodia, harmonia e baixos) também “combinou bem” quando tocaram sozinhos. Nesse sentido, para fecharmos o processo, as crianças tocaram o arranjo que construímos juntos ao longo de todas essas aulas, ao piano digital (figura 7), utilizando o timbre de piano com *strings* (cordas). Essa sonoridade despertou curiosidade e

engajamento dos pequenos ao ponto de um dos alunos dizer: **“Ah! Agora ficou legal tocar sem você! (professor) Pode descansar! Risos”**

Discussões emergentes dessa atividade

A prática musical, assim como a aprendizagem do piano, demanda aspectos cognitivos e motores. Cognitivos devido à sua associação com os processos de tomada de decisão do cérebro durante a percepção e execução, e motora porque os resultados dessas decisões requerem ações corporais para sua realização. A interação entre mente e corpo é essencial para que essa experiência seja estimulante, prazerosa e de qualidade (Ramos, 2021, p. 21).

Ao longo da realização de toda a atividade apresentada, diversos questionamentos foram direcionados às crianças na intenção de auxiliarem sua construção de sentidos. Nenhuma resposta foi dada pelo professor, ele apenas guiou os participantes com mais indagações até que as respostas chegassem a uma conclusão, oriunda das próprias crianças e a seu modo, possibilitando que suas sensações transcendessem para o nível da percepção, ao nomearem contextualmente aquilo a que foram expostas (Fonseca, 2009, p.140). Essas perguntas estimularam a cognição das crianças por provocarem pensamentos e reflexões constantes. Assim,

[...] os estímulos apresentados são interpretados pelos conhecimentos, às vezes chamados de esquemas cognitivos, adquiridos a partir de experiências anteriores. Em música, os esquemas cognitivos incluem, por exemplo, padrões típicos de ritmo e altura. A informação perceptiva é assimilada a esses esquemas, o que facilita a organização dos eventos sonoros em padrões e gera expectativas de eventos futuros (Krumhansl, 2006, p. 46).

Na apreciação da música, no início do processo, as crianças apenas ouviram a canção para obter suas primeiras impressões, como mencionado anteriormente. Nesse tipo de exercício auditivo, elas requisitaram o polo estético-contemplativo da percepção, que tem relação com o sentir, experienciar o momento, durante a apreciação da obra demonstrada (Fonseca, 2009, p. 143). A partir do instante em que foi iniciado o processo de aprendizagem – primeiro cantando e batendo palmas no ritmo da melodia e, posteriormente, ao piano – outro polo da percepção foi requerido, o polo prático-utilitário. Esse se associa às percepções e aos meios práticos requeridos para o “como fazer”, alcançando assim, a aprendizagem

(Fonseca, 2009, p. 143), o que possibilita o desenvolvimento de novas habilidades, por intermédio da instrução sistematizada.

Nesse estágio, as audições situaram-se num âmbito mais específico da percepção musical, a escuta ativa e intencional (Green, 2002) com vistas a descobertas de elementos sonoros musicais, conhecidos ou não. Dito de outro modo, nesse patamar a escuta não se limitou à simples audição dos sons, mas envolveu uma escuta ativa que induziu respostas motoras, emocionais, estéticas e cognitivas à música (Parizzi; Brook, 2022, p. 26).

A escolha de uma música com letra, conduta adotada ao longo de todo o projeto piloto, se mostrou uma abordagem promissora pois as crianças normalmente se guiaram por ela e, desse modo, conseguiram tocar a música no instrumento com maior facilidade enquanto cantavam a canção. Assim, “trazendo essa estrutura para a aprendizagem do piano, as habilidades cognitivas (e motoras)⁵ se consolidam conforme a criança atua sobre o instrumento” (Bezerra; Fialho, 2020, p. 6).

Sempre que foram questionadas sobre sua preferência em tocarem sozinhas ou com o professor, suas respostas pela segunda opção indicaram que além de demonstrarem maior interesse por performances musicais compartilhadas, suas escolhas refletiram o valor da harmonização no discurso musical tonal, que conferiu às peças trabalhadas uma sensação de completude por abranger aspectos melódicos, rítmicos e harmônicos, juntamente com a expressividade, dentre outros parâmetros musicais basilares constituintes da música tonal.

A performance harmônica se mostrou acessível aos pequenos pianistas por requisitar habilidades motoras simples, como uso dos indicadores em “pontas”, e a execução das terças sobrepostas pelas duas mãos, em uma disposição próxima e com duração longa. Pela mesma via, a mudança das harmonias ocorreu concomitantemente à da melodia, o que facilitou ainda mais o aprendizado.

Por conseguinte, além de estimular o desenvolvimento de habilidades de percepção e performance harmônica, essa atividade, bem como as demais aplicadas em aulas anteriores, impulsionou também o desenvolvimento de funções executivas básicas⁶ como a inibição – que regula o comportamento; a memória de trabalho – que viabiliza a manutenção e manipulação

⁵ Inserção nossa.

⁶ As Funções Executivas (FE) são um conjunto de habilidades que regulam o comportamento humano, englobando aspectos cognitivos, emocionais e sociais, e são essenciais em situações novas ou desafiadoras. Elas são fundamentais na resolução de problemas, estabelecimento de metas e ajuste no cotidiano, além de desempenharem um papel crucial no controle consciente do pensamento e comportamento. (Janurik; Szabó; Józsa, 2019; Dias; Seabra, 2019)

de informações temporariamente; e a flexibilidade cognitiva – que promove a capacidade de se ajustar às demandas do contexto (Dias; Seabra, 2019, p. 207). Estas funções são cruciais na resolução de problemas, estabelecimento de metas e na capacidade de ajustamento no cotidiano, desempenhando um papel fundamental no controle consciente do pensamento, comportamento e na aprendizagem (Janurik; Szabó; Józsa, 2019, p. 4817; Dias; Seabra, 2019, p. 206), atributos imprescindíveis para o desenvolvimento humano como um todo, além de sua interação com o meio social em que vive.

É intenção dos pesquisadores dar continuidade a essa atividade visando aprofundar esses e outros parâmetros musicais, como o reconhecimento de mudanças de acordes, rearmonizações, improvisações e criações de melodias que combinem com a harmonia da música *Minha Canção*. Esses novos estímulos poderão viabilizar que as crianças se ancorem em experiências musicais anteriores, para construir e organizar novos esquemas em relação às novas aprendizagens (Bezerra; Fialho, 2020, p. 6).

Considerações

Nesse artigo dissertamos sobre o desenvolvimento da percepção e performance harmônica em aulas de piano para crianças pequenas (7 e 8 anos). O objetivo deste texto foi descrever e analisar uma atividade realizada durante o piloto de uma pesquisa doutorado em andamento, com o intuito de apontar as vertentes pedagógicas e metodológicas empregadas nesse transcurso. Por essa via, o texto apontou caminhos sistemáticos que mostraram resultados satisfatórios, considerando os objetivos propostos, visto que a atividade proporcionou o desenvolvimento de habilidades de percepção e performance harmônica das crianças durante suas aulas de piano.

Sob essa ótica, o trabalho de aprendizagem de harmonia ao piano com crianças deve partir de funções harmônicas básicas, como tônica e dominante, execução de notas duplas sobrepostas – tônica e terça ou tônica e quinta –, e posteriormente, baixos alternados entre tônicas e quintas de cada acorde marcando a pulsação. Pelo mesmo caminho, para que a performance das crianças tenha sucesso, é fulcral que as atividades harmônicas demandem ações motoras simples das quais as crianças disponham naquele momento. Da mesma forma é significativo abrir espaço para que as crianças possam expressar e experimentar o seu jeito de tocar, mesmo que para isso lancem mão de técnicas não usuais no campo da pedagogia

tradicional do piano. Isso pois o objetivo maior nesse estágio é que elas possam se expressar e se divertir fazendo música. As capacidades motoras e cognitivas poderão ser desenvolvidas e ampliadas ao longo de sua formação pianística. Esses achados servirão como um viés norteador para a elaboração e aplicação das atividades que serão testadas na coleta de dados da pesquisa.

A prática musical em sala de aula envolve uma gama ampla de processos psicológicos, como percepção, atenção, aprendizado, memória, além de ação, emoção e cognição. As habilidades musicais complexas fundamentam-se na percepção musical, que depende de operações cognitivas para o processamento das informações ouvidas. A percepção musical é fundamental para todas as atividades musicais, incluindo a execução de instrumentos, e seu desenvolvimento é influenciado tanto por aspectos universais da estrutura musical quanto pelo ambiente (Janurik; Szabó; Józsa, 2019, p. 4819).

Por fim, acreditamos que compartilhar essa experiência musical provocará o(a) leitor(a) a refletir sobre a relevância em adotar, no processo de aprendizagem instrumental desde a iniciação infantil, uma abordagem pedagógica abrangente. Tal abordagem deve ir além do desenvolvimento de habilidades técnicas, incorporando aspectos cognitivos, motores, emocionais e sociais. Para que as demandas educacionais sejam compatíveis com as capacidades reais das crianças em aulas de piano, é crucial ter um entendimento profundo dos múltiplos aspectos envolvidos na construção do conhecimento musical (Bezerra; Fialho, 2020, p. 15).

Referências

BEZERRA, Denise Maria; FIALHO, Francisco Antônio Pereira. Analisando música na infância: uma abordagem cognitiva no ensino-aprendizagem do piano. *OPUS*, v. 26, n. 3, p. 1-14, 2020. Disponível em: <<https://www.anppom.com.br/revista/index.php/opus/article/view/opus2020c2608>>. Acesso em: 29 jun. 2024.

BRITO, Teca Alencar de. *Música na educação infantil*. São Paulo: Peirópolis, 2003. 204p

CORRIGALL, Kathleen. A.; TRAINOR, Laurel. J. Effects of Musical Training on Key and Harmony Perception. *Annals of the New York Academy of Sciences*, v. 1169, n. 1, p. 164-168, 2009. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1749-6632.2009.04769.x>>. Acesso em: 8 out. 2023.

- COSTA-GIOMI, Eugênia. El desarrollo de la percepción armónica durante la infancia. *Cuadernos In-teramericanos de Investigación en Educación Musical*, v. 1, n. 002, p. 43-56, 2001. Disponível em: < <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1467-7687.2005.00447.x> > Acesso em: 10 jan. 2024.
- COSTA-GIOMI, Eugenia. Recognition of Chord Changes by 4- and 5-Year-Old American and Argentine Children. *Journal of Research in Music Education*, v. 42, n. 1, p. 68–85, 1994. Disponível em: < <https://journals.sagepub.com/doi/10.2307/3345338> >. Acesso em: 10 out. 2023.
- DELALANDE, François. *A música é um jogo de criança*. São Paulo: Editora Peirópolis, 2019. 238p.
- DIAS, Natalia M.; SEABRA, Alessandra G. Funções executivas: desenvolvimento e intervenção. *Temas sobre Desenvolvimento*, v. 19, n. 107, p. 206-212 2013. Disponível em: < https://www.researchgate.net/profile/Natalia-Dias-13/publication/281177320_funcoes_executivas_desenvolvimento_e_intervencao/links/5604497408ae8e08c089ac7f/funcoes-executivas-desenvolvimento-e-intervencao.pdf >. Acesso em: 9 jul. 2024.
- FONSECA, João Gabriel. Estrutura do processo decisório. In: PEREIRA, Maria José L. B; FONSECA, Joãa Gabriel. *Faces da Decisão - Abordagem Sistêmica do Processo Decisório*. 2ed. Editora: LTC, 2009. Capítulo 2, p. 138-176.
- FONTEERRADA, M. T. O. *De tramas e fios: um ensaio sobre música e educação*. 2, ed. São Paulo: Unesp, 2008.
- GORDON, Edwin. *Teoria de aprendizagem musical para recém-nascidos e crianças em idade pré-escolar*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.
- GREEN, Lucy. *How popular musicians learn: A way ahead for music education*. Brookfield: Ashgate, 2002. 238p.
- HARGREAVES, D. Developmental Psychology and Music Education. *Psychology of Music*, v. 14, p. 83–96, 1 out. 1986.
- HENRIQUES, Wasti S. C. H. Música na Educação Infantil: por uma Educação Musical construída com e a partir das crianças. *Revista da Abem*, [s. l.], v. 32, n. 1, e32116, 2024. Disponível em: <<https://revistaabem.abem.mus.br/revistaabem/article/view/1350>> . Acesso em 27 set. 2024.
- ILARI, Beatriz. Bebês também entendem de música: a percepção e a cognição musical no primeiro ano de vida. *Revista da ABEM*, v. 10, n. 7, p. 83-90, set. 2002. Disponível em: <<http://www.abemeducaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/435> > . Acesso em: 10 out. 2023.
- JANURIK, M; SZABÓ, N; JÓZSA, K. The relationship of musical perception and the executive function among 7-year-old children. *Proceedings of EDULEARN19 Conference*. Palma,

Mallorca, Spain. 2019. Disponível em: <

https://www.researchgate.net/publication/334390174_The_relationship_of_musical_perception_and_the_executive_function_among_7-year-old_children >. Acesso: 14 jul. 2024.

KRUMHANSL, Carol L. Ritmo e altura na cognição musical. In: ILARI, Beatriz Senoi (Org.). *Em busca da mente musical: ensaios sobre os processos cognitivos em música – da percepção à produção*. Curitiba: Editora da UFPR, 2006. Capítulo 2, p. 45-109.

MANDANICI, Marcela. et al. A Computer-based Approach to Teach Tonal Harmony to Young Students. *Proceedings of the 11th International Conference on Computer Supported Education*, 2019. Disponível em:<

https://www.academia.edu/64210972/A_Computer_based_Approach_to_Teach_Tonal_Harmony_to_Young_Students> Acesso: 2 jun. 2024.

MARTINEZ, Elisabeth. C. *O projeto guri e a percepção harmônica em crianças de 6 a 9 anos: um estudo sobre a aquisição do conhecimento da tonalidade e da harmonia no contexto do ensino coletivo de instrumentos em São Paulo*. Campinas, 2014. 274p. Tese (Doutorado em música). Instituto de Artes, Unicamp, Campinas, 2014. Disponível em:

<<https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/937381> >. Acesso: 7 set. 2023.

NHUR, Andreia. Do movimento ao som, do som ao movimento: relações bioculturais entre dança e música. *Revista Brasileira de Estudos da Presença*, Porto Alegre, v. 10, n. 4, e100069, 2020. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/rbep/a/WQMbk7yV8JcWrdYLRZKkTjK/?lang=pt> > Acesso em: 19 jul. 2024.

OLIVEIRA, Maria Eliza de; FERNANDES, Sueli Felício; FARIA, Luciana Carolina de. A musicalização, o lúdico e a afetividade na educação infantil. *Colloquium Humanarum*, vol. 10, n. Especial, Jul–Dez, 2013, p. 1411-1418.

PARIZZI, Betânia; BROOK, Angelita. Sobre repertórios musicais para a primeira infância e suas funções. In: PARIZZI, Betânia; SANTIAGO, Diana (Orgs.) *Música e desenvolvimento humano: práticas pedagógicas e terapêuticas*. São Paulo: Editora Instituto Langage, 2022. Capítulo 1, p. 20-54.

PARLATO-OLIVEIRA, Erika. *Saberes do bebê*. São Paulo. Editora Instituto Langage, 2019.

RAMOS, Danilo. *Introdução ao estudo do piano pela perspectiva da cognição musical*. Curitiba: InterSaberes, 2021. 217p.

REIS, Bruno Edgar. Sensação e Percepção. In: REIS, Bruno Edgar; RODRIGUES, Elaine Wainberg Rodrigues (Org.). *Psicologia e Educação: Fundamentos e reflexões*. Rio Grande do Sul: EdiPUCRS, 2004. Capítulo 3, pag. 49-66.

SCHAFER, R. Murray. *O ouvido pensante*. Trad. Marisa Trench de O. Fonterrada, Magda R. Gomes da Silva, Maria Lúcia Pascoal. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1991. 399p.

SCHELLENBERG, E. G. et al. Children's implicit knowledge of harmony in Western music. *Developmental Science*, v. 8, n. 6, p. 551–566, 2005. Disponível em: <
<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1467-7687.2005.00447.x>>. Acesso em: 4
jan. 2024.

SLOBODA, John. A. *A mente musical: psicologia cognitiva da música*. Trad. Beatriz Ilari e
Rodolfo Ilari. Londrina: EDUEL, 2008. 384p.

SWANWICK, K. *A Basis for Music Education*. London: Routledge, 1979.

SWANWICK, K. *Music, Mind, And Education*. London: Routledge, 1988.

TRAINOR, Laurel. J.; HEINMILLER, Beck. M. The development of evaluative responses to
music: Infants prefer to listen to consonance over dissonance. *Infant Behavior and
Development*, v. 21, n. 1, p. 77–88, 1998. Disponível em: <
[https://www.researchgate.net/publication/222477767_Trainor_LJ_Heinmiller_BM_Infants_pr
efer_to_listen_to_consonance_over_dissonance_Inf_Behav_Dev_21_77-88](https://www.researchgate.net/publication/222477767_Trainor_LJ_Heinmiller_BM_Infants_prefer_to_listen_to_consonance_over_dissonance_Inf_Behav_Dev_21_77-88)>. Acesso em:
10 out. 2023.